TL 5278

GARCIA DE ORTA

SÉRIE DE

ANTROPOBIOLOGIA

VOL. 8 • N.º 1 • 1995

REVISTA DO
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL
MINISTÉRIO DO PLANEAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO
SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
LISBOA

CDU 800.21:903'1«6322»:572.1/.4

Considerações sobre a existência de linguagem com base na indústria lítica do Paleolítico Inferior

MARIA CRISTINA NETO
LUÍS LOPES

Centro de Antropobiologia, Instituto de Investigação Científica Tropical
Avenida de Óscar Monteiro Torres, 34, 1.º, esquerdo, 1000 Lisboa

(Recebido em 8-II-1994)

Neste trabalho tenta-se explicar que a evolução técnica da indústria lítica durante o Paleolítico Inferior *(Pebble culture* e *Acheulense)* necessitaria, quase ininterruptamente, do apoio de uma linguagem articulada, mesmo que muito rudimentar, e que, portanto, constitui uma evidência da existência de linguagem.

In this paper we try to explain that the evolution from the Pebble culture toward Acheulense industry supposes a verbal from communication, even if it was a very plain one, and therefore these industries are them selves an evidence of it.

Linguagem; Paleolítico; hominização.

Spreech; Paleolithic; hominization.

Este trabalho, embora muito breve e pouco exaustivo, pretende apenas pôr em questão alguns aspectos relacionados com a evolução humana.

A problemática da linguagem verbal é ainda, presentemente, assunto de divergência de opiniões e objecto de estudo de diversas áreas do conhecimento humano. Verifica-se, no entanto e por vezes, uma indefinição entre linguagem *sensum lactum* e linguagem verbalizada. A linguagem, seja qual for, é na sua origem um meio de comunicação particularmente necessário a uma espécie social para o trabalho comum, e a partir de uma linguagem não verbal teria surgido uma linguagem verbal.

É o momento do aparecimento desta última que tem, até à data, suscitado mais controvérsias, visto que as evidências para a compreensão deste problema são necessariamente indirectas e as teorias enunciadas pelos linguistas pouco esclarecedoras (J. Perrot, 1953).

Também a anatomia da laringe nada esclarece a este respeito, porque a fonação aparece tardiamente na filogénese da laringe como adaptação secundária ligada ao modo de vida de alguns animais e suportada por uma anatomia que não tinha evoluído nesse sentido. Também E. Garde considera que o conjunto dos órgãos da fonação não constituem um órgão sensorial ou motor adaptado à função, a qual resulta definitivamente de uma organização especial dos centros nervosos, tanto mais que, para a existência de uma linguagem articulada, são necessárias numerosas acções musculares que actuam sobre a

TC5278

CDU 56:572:39:800/801(923.53):929 Almeida, António de

António de Almeida em Timor-Díli (1)

MARIA EMÍLIA DE CASTRO-E-ALMEIDA
MARIA CRISTINA NETO

Centro de Antropobiologia, Instituto de Investigação Científica Tropical
Avenida de Óscar Monteiro Torres, 34, 1.º, esquerdo, 1000 Lisboa

(Recebido em 8-II-1994)

Tentando analisar o perfil de António de Almeida como professor e investigador, as autoras sintetizam o seu trabalho em Timor-Díli.

In this paper the authors try to make a synthesis of António de Almeida's concepts, through the analysis of his field work in Timor-Díli (former Portuguese Timor, now under Indonesian occupation).

Timor-Díli; investigação de campo; António de Almeida.

Timor-Díli; field work; António de Almeida.

A obra de um professor, e especialmente de um investigador científico, é constituída não só por aquilo que deixou escrito, mas, sobretudo, pelo que transmitiu em vida, directamente já aos seus colaboradores e discípulos (e não apenas aos mais chegados), pelo seu exemplo de dedicação e, em especial, pela transmissão oral que sempre praticou.

Porque Carlos Almaça e João Pereira Neto já trataram na globalidade da sua obra integrada no seu tempo, na sessão de homenagem realizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, ocupar-nos-emos designadamente dos referidos aspectos, aqueles que consideramos, quiçá, mais importantes e também talvez os menos referidos, porque, como acentua o jornalista Amândio César, com quem concordamos absolutamente, «cada um de nós constitui um elo da cadeia vinda das brumas do passado», acrescentando nós que terá de passar a mensagem, se possível mais perfeita, às gerações seguintes, que lhe darão continuidade, e porventura todo o verdadeiro Mestre aprecia que os seus seguidores o ultrapassem.

António de Almeida deixou exemplo e também uma mensagem, algo olvidada na época de materialismo em que vivemos, de que «ser» verdadeiramente um Humano bem formado é muito mais relevante do que «ter» muitos títulos, muitas condecorações, muito dinheiro, muitas honrarias (e ele até as teve). «Ser» Homem, com h grande, nem todos têm a coragem moral de o viver, quantas vezes contra tudo e contra todos. «Ser homem» só doença grave ou morte o impediria, enquanto o «ter», porque demasiado fugidio e precário, não o seduzia. António de Almeida lançou sempre a «semente» dos valores perenes, e quantas vezes não foi incompreendido e até vilipendiado por tal, mas continuou sempre lutando.

Foi um trabalhador incansável em prol do bem comum, dedicando a sua vida até ao sacrifício total, pessoal e por vezes familiar, àquilo em que acreditava, ou seja, à Ciência Antropológica *sensum latum*, e nisto foi precursor, procurando, insiste-se, deixar, ao morrer, um Mundo Melhor do que o que encontrara!

Era um homem de Esperança e um lutador no sentido mais nobre do termo, não obstante o esforço que teve de despender e a incompreen-

(1) Comunicação apresentada ao 1.º Colóquio Internacional sobre Antropologia Timorense, em 1989.

são de quase todos. Aparentemente, a semente lançada parecia, às vezes, que caía em terra estéril (e, portanto, ingloriamente), no entanto continuava, porque acreditava, e já dizia o Poeta «tudo vale a pena quando a alma não é pequena», tendo-o feito até à morte, e por Timor também!

Porém, no dia aprazado por Deus, o grão haveria de florescer em muitos, quando a época estava, para tal, preparada, porque, na verdade, ele era um verdadeiro precursor, e estes geralmente não são compreendidos, dado que estão, com frequência, para além do tempo em que nasceram e viveram.

Armando Cortesão, entre os que escreveram a seu respeito, diria:

«Homem de tanto mérito intelectual como pessoal, o Prof. Doutor António de Almeida não merece menos admiração e respeito pela sua obra científica e múltiplas actividades culturais do que pela sua simplicidade e modéstia — apanágio dos que têm autêntico valor. Talvez possa parecer fácil tecer o seu elogio como homem de ciência, tantos são os valiosos trabalhos científicos de que é autor, mas tanto já não será exprimir em poucas palavras opinião apropriada sobre a sua personalidade excepcional.» E a terminar: «Só posso acrescentar, singelamente, que todos os portugueses têm para com o Prof. António de Almeida uma dívida de gratidão pela sua obra em prol da cultura nacional.»

Muitas outras personalidades a ele se referiram, de que salientaremos Maia Malta, Fernando Frade, Breuil, Pedro Calmon, Luís da Câmara Cascudo, Desmond Clark, Howells, Krussmen, Lebeuf, Hiermaux, Olivier, Solheim, Lora Tamayo, Tobias, Vallois, Westfall, mas não poderemos deixar de salientar algumas passagens de duas individualidades, já falecidas e nunca por nós esquecidas, ligadas de forma inequívoca ao nosso ex-Ultramar — referimo-nos a Jorge Dias e a Mário António de Oliveira.

Jorge Dias dirá: «O Prof. António de Almeida é um Antropólogo que teve sempre por meta o conhecimento global do homem, procurando situá-lo no plano biológico, como antropólogo físico que é, procurando situá-lo no tempo, como paleontólogo, e procurando situá-lo nos domínios do espírito, como etnólogo, e linguista. Uma tarefa desta magnitude, só por si, dá as dimensões de um antropólogo, que colheu os loiros dos seus triunfos, traduzidos em numerosas honras e mercês nacionais e internacionais.

Pode dizer-se que nenhum antropólogo português conheceu tão pormenorizadamente os territórios ultramarinos como o Prof. António de Almeida, percorrendo praticamente todo o Ultramar Português, como chefe de missões de estudo, que lhe foram confiadas, pelas suas excepcionais aptidões para se impor.

Sendo o Prof. António de Almeida o professor mais antigo do meu grupo, nunca procurou impor-se pelas prerrogativas que dá a antiguidade. Foi sempre amável, correcto, leal e amigo. Nunca lhe ouvi uma palavra desagradável a respeito de qualquer colega. Colocava a instituição que servia mais alto que as pequenas rivalidades pessoais, que, muitas vezes, são elementos de desagregação e descrédito dos organismos de que somos uma parcela.

Amigo do seu amigo, colega leal, são qualidades que o caracterizam e completam no plano moral as suas excepcionais actividades no campo da pesquisa antropológica, como o atesta o seu vastíssimo *curriculum* que, disse, espero virá a ser ainda consideravelmente ampliado nos anos que se vão seguir.»

Mário António de Oliveira escrevera: «É que o Prof. Doutor António de Almeida, solicitado, como continuamente foi, pelos mais importantes meios científicos e culturais, presença grada e atentamente escutada em universidades, academias e reuniões científicas internacionais, soube sempre encontrar momentos para atender os seus discípulos, prolongando o ensino das aulas nas relações que com eles procurou manter. Cabe-me, pela minha parte, hoje, agradecer essa solicitude do ilustre Mestre.

Personalidades com inteiro título para o fazerem se terão já pronunciado sob os méritos da obra do Prof. António de Almeida. Por diversas vezes tive eu próprio o grato prazer de sentir como é grande o seu prestígio nos vários campos em que, como etnólogo, se interessou pelo total do estudo do Homem, ou se se preferir, pelo estudo do Homem Total. Um humanista, portanto, deste nosso tempo — eis a qualificação que melhor lhe cabe.

Como ultramarino, agrada-me que tenha sido o homem do Ultramar o que mais suscitou a sua atenção. E parece-me importante que numa perspectiva que antecipou muitas verdades hoje tidas por assentes, mas por ele desde há dezenas de anos vivencialmente assumidas. Não se encontra na obra do Prof. Doutor António de Almeida ressaibo da diversão com o 'exótico' em que pecaram tantos, ao depois apressados refor-

muladores de princípios apenas pelo oportunismo do tempo. Indo simplesmente para os homens, nunca estes se transformaram em meros objectos de observação. Não incorreu no pecado de deificação de que — curioso paradoxo! — enfermam tantos cultores de ciências humanas.

Talvez lhe fosse fácil, por isso, encontrar a perspectiva exacta, estudando populações culturalmente tão distantes como os chineses de Macau e os São-Tomenses, os bosquímanos de Angola e os Timorenses. A sua perspectiva esteve sempre certa, porque, sem precisar de racionalizações e teorias, neles viu apenas homens. Esse um dos aspectos mais importantes da sua docência, pois a ideia da unidade fundamental do género humano esteve sempre subjacente à sua exposição, quer se tratasse de aspectos de cultura material, quer se ocupasse dos temas mais complexos da mundividência e religião.

O Prof. Doutor António de Almeida — cientista, professor, académico — por um outro aspecto ainda se singulariza. Neste gesto tão latino da fácil generalização e da fácil tradução do *dernier cri*, é, como professor e como cientista, uma excepção. Preza muito mais — e justificadamente — a longa experiência dos contactos realizados, falando quase exclusivamente do que pessoalmente viu em campanhas realizadas no decurso de dezenas de anos, em todas as províncias ultramarinas portuguesas. O mais — a inavaliável erudição que possui, estando sempre a par, mesmo pelas relações pessoais que mantém com etnólogos de todo o mundo, de quanto se faz para o conhecimento do Homem — é apenas instrumental em relação à experiência directa. Talvez por isso não seja por muitos compreendida a importância de uma obra, a sua, que apenas se importou com o que era importante, não apenas no nosso restrito meio, fosse dito. O Prof. Doutor António de Almeida, como verdadeiro cientista, nunca quis escrever 300 páginas sobre aquilo que bem cabia em 30.

E, uma vez que, como com os homens acontece, os trabalhos se não medem pela extensão — como uma vez ouvi comentar em acto de exame —, acontece que algumas das principais contribuições portuguesas para a etnologia mundial dos nossos dias se encontram em outras separatas de trabalhos seus.

Não caberia eu dizer quanto devo ao ilustre Mestre. Gostaria, no entanto, de frisar que em dois campos, algo distantes, em que, em dado tempo, me empenhei em trabalho próprio — e a distância entre um e o outro e a sua posição no quadro das Ciências Humanas dão bem ideia da visão globalista que o Prof. Doutor António de Almeida tem do Homem —, a leitura de trabalhos seus me foi indispensável e estimulante. E não se trata de campos centrais na sua actividade, pois me estou referindo às Línguas Africanas e à História. Neste país, quem sabe da importância primordial, para o conhecimento das origens das populações africanas, das pesquisas realizadas peo Prof. Doutor António de Almeida sobre a língua dos Mucuebes, cujos resutados foram festejados em 1957, no Congresso Internacional dos Orientalistas, em Munique, pelo eminente linguista soviético Olderogge? E quem sabe que os seus estudos sobre os Dembos — infelizmente apenas iniciados — antecipam uma concepção da história de África que só em anos recentes se impôs internacionalmente?

Alheio à propaganda, por imposição da deontologia própria de um Homem de Ciência, o Prof. Doutor António de Almeida não quis impor a ninguém, como a tantos vemos fazer, o conhecimento da sua obra. A originalidade e a vastidão dela são, porém, de tal ordem que se não pode esquecê-la sem prejuízo, pois o Prof. Doutor António de Almeida foi um autêntico pioneiro em muitos dos campos que hoje, mundialmente, concitam a atenção dos estudiosos investigadores de Ciências Humanas.»

Quanto à sua investigação antropológica de campo em Timor, iniciou-se verdadeiramente em 1953 e terminou em 1975, embora apenas tenha sido devidamente aprofundada e naturalmente de acordo com as possibilidades técnicas da sua época após a aparição do Centro de Estudos de Antropobiologia.

Em todas as campanhas da Missão Antropológica de Timor procedeu à pesquisa com uma equipa de metropolitanos, timorenses e pessoal administrativo que tinha sido por si formado. Fez uma notável recolha de dados e objectos antropológicos em especial de Antropologia Biológica, Arqueologia, Antropologia Cultural, etc., de que a maior parte ficou no Centro de Antropobiologia, outros no Centro de Pré-História e Arqueologia, outros julgamos fazerem parte do património do Museu de Etnologia e outros ainda se perderam na Revolução. Fez também um esboço de carta etnolinguística de Timor. Fez, igualmente, registos em fita magnética dos 31 grupos etnolinguísticos existentes em Timor-Díli,

e que já se tentou estudar com Westphal e Henri Campagnolo, e ainda realizou vários filmes, especialmente a cores, de que nos permitimos realçar:

— *Artes e Ofícios dos Timorenses.*
— *Caça e Pesca em Timor.*
— *Timor — Vistas Gerais.*
— *Danças de Timor.*
— *A Reconstrução de Timor.*
— *Acção Missionária em Timor.*

Tirou milhares de diapositivos coloridos e fotografias.

Naturalmente algo tem sido estudado do muito que António de Almeida obteve na importante colheita que procedeu em Timor, mas achamos relevante vincar algumas das palavras de Carlos Almaça, actual director do Departamento de Ciências Biológicas do IICT e penúltimo director do Centro de Antropobiologia, na sessão de homenagem atrás citada: «Ainda hoje se aguarda o completo tratamento deste acervo antropológico, a despeito de muito ter já sido trabalhado e divulgado pelo Prof. António de Almeida e seus colaboradores. Com efeito, a obra antropológica de António de Almeida distribui-se por mais de duas centenas de publicações e várias dezenas de conferências, lições e comunicações apresentadas e muitos congressos e reuniões científicas.»

Naturalmente os seus seguidores têm, dentro das suas possibilidades de serviço, continuado a sua obra. O actual Centro de Antropobiologia, que ele iniciou em 1950 (com outro nome), tem dois projectos científicos sobre Timor-Díli, e que são:

— «Os Povos de Timor-Díli»;
— «Sobre os Fáta Lucos de Timor-Díli»;

com a publicação de muitos trabalhos e apresentação de conferências, e igualmente com a revisão dos filmes, nomeadamente *Artes e Ofícios dos Timorenses* e *Caça e Pesca em Timor*, neste caso concreto pelas signatárias e por Maria Cecília Cardim, apoiadas sempre pelo IICT.

Cumpre-nos, ao terminar, não esquecer os nomes dos principais colaboradores, discípulos e continuadores que, no seu tempo ou já depois da sua morte, trabalharam, ligados à Missão Antropológica de Timor ou ao Centro de Antropobiologia: Alfredo Ataíde, António Marques de Almeida, Apolinário Guterres, Camarate França, Castelo Branco, Georges Zbyszewski, Henri Breuil, Hopfer Rego, Jorge Barros Duarte, José Manuel Robalo Gomes, José Manuel Roque, Leopoldina Paulo, Manuel Morgado, Manuel Pimenta, Maria Augusta Gama Antunes, Maria Cecília Cardim, Maria Cristina Neto, Maria Emília de Castro-e-Almeida, Maria Helena Galhano, Maria Leonor Machado, Mendes Corrêa, Miguel Ramos, Paula Lucas, Pedro Cardim, Rui Cinatti, Teles, Valdemar Marinho da Cruz, Vítor Marques e Xavier Menezes.

Eles todos contribuíram por valorizar e/ou continuar a sua obra, defendendo, a seu modo, nos fóruns nacionais e internacionais, uma obra que é, para todos os efeitos, uma obra de Portugal em terras do fim do mundo, lá para as bandas do Extremo Oriente, e, desde há cerca de duas dezenas de anos no Vale do Jamor e em Odivelas.

Para terminar, desejamos ressaltar o que se verifica ao longo de todo este texto e que reconhecemos relevante na vida e na obra de António de Almeida: foi, sem dúvida, a efectiva igualdade de tratamento com os povos extrametropolitanos, carregado de sentido de respeito e estímulo sem qualquer interesse económico ou político. Esta faceta foi bem reconhecida de todos que com ele privaram e pelas signatárias, em situações diferentes.

Que hoje como ontem, neste campo principalmente, «o seu exemplo não tenha sido em vão».

BIBLIOGRAFIA

ALMAÇA, Carlos — «Homenagem ao Prof. António de Almeida». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, série 104.ª, (1-6), 1986, 5-8.

ALMEIDA, António de; CASTRO-E-ALMEIDA, Maria Emília de & NETO, Maria Cristina — «O Centro de Antropobiologia no I Centenário do IICT». *Brotéria*, Lisboa, 117 (6), 1983, 580-585.

CASTRO-E-ALMEIDA, Maria Emília de — *Estudo Serológico dos Grupos Etnolinguísticos de Timor-Díli. Sistema (ABO).* Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical/Junta de Investigações Científicas do Ultramar. Estudos, Ensaios e Documentos, (141), 1982, 155 p.

NETO, João B. P. — «António de Almeida. A época. O homem. O professor. O cientista». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, série 104.ª, (1-6), 1986, 9-20.

—— *António de Almeida, 50 Anos de Actividade Científica. 1930-1980.* Lisboa, 1980.